

INFORMAÇÃO AOS ASSOCIADOS DO MONTEPIO de Eugénio Rosa eleito da Lista C para os órgãos sociais do Montepio

Perante as notícias negativas divulgadas nos órgãos de comunicação social sobre o Montepio, muitos associados, por email ou mesmo por telefone, pediram-me informações sobre a situação da Caixa Económica porque estão preocupados pois têm as suas poupanças no Montepio. Por essa razão e também porque tenho a responsabilidade de prestar contas a todos que, confiando na Lista C que eu encabeçava, nos elegeram decidi elaborar este comunicado com o objetivo de informar os associados do Montepio.

Sou membro do Conselho de Supervisão da Caixa Económica – Montepio Geral e estou impedido, por lei, de divulgar a informação a que tenho acesso neste órgão (ela é confidencial). Por isso, vou utilizar apenas a informação que consta dos relatórios de contas de 2010, 2011, 2012 e 2013, assim como das contas do 1º Trimestre e do 1º Semestre de 2014 da Caixa Económica- Montepio Geral que são publicas e acessíveis a qualquer outra pessoa (estão disponíveis no “site” do Montepio) que, se for devidamente analisada e interpretada, permite compreender os problemas atuais que enfrenta a Caixa Económica- Montepio Geral. A dificuldade é que cada um desses documentos tem entre 400 a 500 páginas, é de difícil leitura, e a informação útil está dispersa e coberta por muita “palha” e é, por vezes, muito técnica e de difícil interpretação para quem não esteja familiarizado com ela. Para ajudar os associados a ficar a saber qual é a verdadeira situação da Caixa Económica elaboramos o quadro 1, com dados importantes das contas da Caixa Económica. Desta forma cada associada poderá ele próprio tirar as suas próprias conclusões sobre o que tem sido dito sobre a Caixa Económica e sobre a sua situação.

Quadro 1- Dados dos relatórios e contas da Caixa Económica-Montepio Geral

RÚBRICAS	2010 Milhões €	2011 Milhões € (Março 2011- OPA FINIBANCO)	2012 Milhões €	2013 Milhões €	1º Trim.2014 Milhões €	1º Sem.2014 Milhões €
IMPARIDADES/PROVISÕES constuidas no ano à custa dos resultados para fazer a perdas de crédito concedido por não pagamento de clientes ou em operações financeiras)	125	164	232	397	169	293
IMPARIDADES/PROVISÕES acumuladas (SALDO)	603	878	903	1.239	(?)	(?)
CREDITO CONCEDIDO SEM GARANTIAS	976	1.625	1.442	1.995	(?)	(?)
CUSTOS OPERACIONAIS	246	369	360	340	82	165
RESULTADOS OPERACIONAIS (s/impostos e s/interesses minoritários)	51	33	-168	-372	49	26
RESULTADOS LIQUIDOS (após impostos e interesses minoritários)	51	45	2	-299	35	12
CAPITAL INSTITUCIONAL (financiado pela Associação Mutualista)	800	1.245	1.295	1.500	1.500	1.500
UNIDADES DE PARTICIPAÇÃO (na quase totalidade com associados)				200	200	200

FONTE: Dados que constam do Rel. e Contas de 2010, 2011, 2012, 2013, 1º Trim.2014 e 1º Sem.2014 da Caixa Económica-MG publicados

Quais são as conclusões mais importantes que se podem tirar dos dados das contas, que são públicas, da Caixa Económica – Montepio Geral que constam deste quadro?

O IMPACTO NEGATIVO DA AQUISIÇÃO DO FINIBANCO PELO MONTEPIO

Em primeiro lugar, para que o associado consiga interpretar corretamente os dados do quadro 1 precisa ter presente que o ano de 2011, é o ano da OPA da AM-MG sobre o Finibanco, portanto o ano de aquisição e da sua integração na Caixa Económica –MG, aquisição esta que nos opusemos tendo votado contra ela no Conselho Geral da Associação Mutualista, como na altura demos a conhecer a todos os associados. E é importante ter presente isso porque essa aquisição teve um impacto negativo grande no Montepio, ainda maior porque o país estava, e está, mergulhado numa grave crise económica e social com consequências muitas grandes em todos os bancos

Informação sobre situação do Montepio –Peço que ajudem a divulgar aos associados

Observando os dados do quadro 1, constata-se que em 2011 (ano da OPA e de incorporação do FINIBANCO), o crédito concedido sem garantias disparou (*entre 2010 e 2011, passou de 976 milhões € para 1.625 milhões €, ou seja +66,5%*), e as provisões/imparidades para fazer face a perdas no crédito concedido e em operações financeiras aumentaram de 603 milhões € para 878 milhões € (+45,6%). As consequências da aquisição são também visíveis a nível de custos e do produto bancário. Segundo os respetivos relatórios e contas, entre 2010 e 2011, os custos operacionais da Caixa Económica aumentaram de 246 milhões € para 369,1 milhões € (+50%), enquanto a Margem Financeira (*diferença entre os juros recebidos e os juros pagos*) subiu apenas de 270,9 milhões € para 318,7 milhões € (+17,6%), e o Produto da Atividade, ou Produto bancário que corresponde, grosso modo, ao valor acrescentado bruto da banca, aumentou de 422,3 milhões € para 564 milhões € (+33,7%). É visível o impacto negativo da aquisição do FINIBANCO nas contas da Caixa Económica, até porque o FINIBANCO era um banco com um perfil risco muito mais elevado do que o da Caixa Económica e seria previsível que, com a persistência da atual crise, o incumprimento disparasse com consequências negativas para o Montepio, como se está a verificar. Em suma, a aquisição do Finibanco constituiu, a nosso ver, um erro grave de gestão, não criando valor para o Montepio, mas sim destruindo valor. Foi por estas razões, que a realidade veio depois confirmar, que votamos contra a sua aquisição.

OS PROBLEMAS DA CAIXA ECONÓMICA NÃO RESULTAM APENAS DO FINIBANCO

No entanto, não pensamos que os problemas atuais da Caixa Económica resultem apenas da aquisição do Finibanco. A crise atual está a ter também um impacto grande na Caixa Económica, como sucede com todas as instituições financeiras, o que agrava os problemas resultantes de uma gestão pouco adequada, e mesmo, a nosso ver, com erros graves. A prova-lo está, por ex., o disparar do crédito concedido sem garantias, cuja taxa de incumprimento é muito elevada e, depois, de muito difícil recuperação (reembolso). Como mostram os dados do quadro, entre 2010 e 2013, aumentou bastante tendo registado em 2012 uma quebra (entre 2011 e 2012, passou de 1625 milhões € para 1.445 milhões €), para novamente aumentar de uma forma muito rápida. Entre 2010 e 2013, o crédito sem garantias aumentou de 976 milhões € para 1.995 milhões € (atualmente dever ultrapassar largamente os 2.000 milhões €). E o risco deste crédito de não ser pago é muito mais elevado do que o restante crédito. Basta ter presente que, de acordo com o Relatório e Contas de 2012, dos 902,7 milhões € de imparidades (provisões) 253,3 milhões € (28%), diziam respeito a imparidades para “crédito sem garantias”, quando este crédito representava apenas 8,5% do crédito total.

CONTRARIAMENTE AO QUE DIZEM OS BANQUEIROS AS IMPARIDADES SÃO GRAVES

Para disfarçar graves erros de gestão e para criar a ilusão de que a sua gestão está a enfrentar com êxito a grave crise económica, financeira e social que fez disparar o incumprimentos e baixar drasticamente o crédito, com consequências muito negativas na estabilidade do sistema financeiro, os banqueiros afirmam, perante um caso de falência de um grande cliente, ou do provável não reembolso de crédito concedido, como é o caso do grupo Espírito Santo, que tal não acarretará consequências para o seu banco, porque esse crédito já estava provisionado. Num entanto, “*esquecem-se*” de informar os acionistas, os associados ou clientes, o que significa criar uma provisão ou que é uma imparidade. Uma provisão ou uma imparidade é um custo que reduz os lucros (se o banco os tiver) ou aumenta os prejuízos (no caso de não ter lucros). Afirmar que isso não determina problemas para o banco porque esse crédito já está provisionado é ou tentar enganar a opinião pública ou então dão uma ideia de ignorância do que falam.

Foi precisamente pelo facto de ter de criar provisões/ imparidades para prováveis perdas elevadas de crédito concedido que os prejuízos da Caixa Económica dispararam tendo, fundamentalmente devido a isso, os prejuízos operacionais de 2012 e 2013 somado 540 milhões de euros (168 milhões € em 2012 mais 372 milhões € em 2013). E só nesses dois anos as provisões/imparidades por prováveis perdas de crédito concedido (inclui também as resultantes de operações financeiras) somaram 629 milhões €, determinando os elevados prejuízos operacionais que a Caixa Económica – Monteio Geral teve nesses dois

Informação sobre situação do Montepio –Peço que ajudem a divulgar aos associados

anos. E mesmo em 2014, só no 1º semestre, a Caixa Económica já teve de criar 293 milhões € de provisões/imparidades por perdas prováveis de crédito concedido, nomeadamente a empresas do grupo Espírito Santo que afetam os resultados do Montepio, anulando praticamente os elevados ganhos (mais-valias) que a Caixa Económica obteve no 1º semestre de 2014 (275 milhões € com operações financeiras-ver contas), nomeadamente resultantes da venda de dívida pública portuguesa.

A aquisição do FINIBANCO assim como os elevados prejuízos da Caixa Económica em 2012 e 2013, obrigou a uma elevada recapitalização da Caixa Económica para que os rácios de capital fossem respeitados. Assim, entre 2010 e 2013, o chamado capital institucional da Caixa Económica sofreu vários aumentos tendo passado de 800 milhões € para 1500 milhões €, ou seja, aumentou em 700 milhões €. E este aumento de capital foi feito pela Associação Mutualista, ou seja, com o dinheiro que os 600.000 associados entregam a ela. E é esta a realidade que todos os associados devem saber. Para além deste dinheiro posto na Caixa Económica devido à compra do Finibanco e também por causa de elevados prejuízos, aqueles que adquiriram unidades de participação de 200 milhões € também contribuíram para a recapitalização da Caixa Económica.

AS MINHAS POUPANÇAS ESTÃO SEGURAS NA ASSOCIAÇÃO MUTUALISTA?

As minhas poupanças estão seguras na Associação Mutualista? – É esta a pergunta que muitos associados me colocam e que não quero fugir a ela. A Caixa Económica está umbilicalmente ligada à Associação Mutualista (*quase 2/3 das poupanças dos associados colocadas na Associação Mutualista estão aplicadas na Caixa Económica*), e a Caixa Económica conseguiu até a este momento, e espero que aconteça no futuro (e eu estou empenhado nisso), resistir aos efeitos negativos que esta grave crise económica, financeira e social está a ter em todas as instituições financeiras e, conseqüentemente, também na Caixa Económica assim como aos erros de gestão cometidos, a meu ver, que referi anteriormente. Mas para que isso é também necessário uma gestão mais profissional, e uma fiscalização mais eficaz não só por parte do Banco de Portugal sobre a Caixa Económica (*que se esforça embora com atraso*) e pelo Ministério da Solidariedade sobre a Associação Mutualista (*que não faz*) mas também pelos órgãos de fiscalização internos da Caixa Económica, nomeadamente pelo Conselho Geral e de Supervisão. E é importante que os associados saibam que da Lista C apenas eu estou neste conselho, sendo ele dominado pelos membros eleitos na lista A do presidente do conselho de administração do Montepio, que têm a maioria absoluta (*dos 11 membros, apenas 3 não pertencem à lista A*) que está sempre com o presidente. Para que os associados possam ter uma ideia da cultura de autoritarismo do presidente que existe no Montepio basta relatar o seguinte episódio. Aquando da emissão dos 200 milhões € de unidades de participação, eu fiz uma informação aos associados que os esclarecia de aquele produto não garantia nem um rendimento certo (*dependia dos lucros da Caixa Económica que têm sido reduzidos*) nem estava garantido o reembolso da totalidade do capital investido (*se o associado quiser obter o capital terá de vender as unidades de participação no mercado secundário e recebe o que for oferecido – em 17.8.2014 os 200 milhões € valiam 188 milhões € -ver Euronext -* <https://europeanequities.nyx.com/pt-pt/products/equities/PTCMHUIM0015-XLIS/quotes#> *o valor varia quase todos os dias*). Por ter informado os associados, e após um ataque pessoal a mim pelo presidente todos aprovaram uma moção em que me ameaçavam com um processo no tribunal. Foi só quando disse que se avançassem com tal processo iria defender-me não só em tribunal mas também junto dos associados é que o bom senso acabou por imperar pois o risco reputacional era grande. Este episódio mostra bem as dificuldades que enfrento. Embora minoritário não me vergam, como já me ameaçaram, e vou continuar a lutar para fiscalizar, e pela transparência e segurança das poupanças dos associados, recorrendo aos supervisores (ex.:BdP) sempre que julgar necessário. Para levar tal tarefa a bom porto necessito do apoio ativo dos associados, que espero contar.

Saudações mutualistas e um abraço de consideração e amizade para todos

Eugénio Rosa – membro do conselho geral do Montepio, da Assembleia Geral e do Conselho Geral e de Supervisão da Caixa Económica eleito na Lista C pelos associados.

Peço que enviem a vossa opinião para eugeniorosa@zonmail.pt - 18.8.2014